

**A ASCENSÃO
DOS NOVE**

A ASCENSÃO DOS NOVE

OS LEGADOS  DE LORIEN

LIVRO TRÊS

PITTACUS LORE

TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO



Copyright © 2012 Pittacus Lore

TÍTULO ORIGINAL
The Rise of Nine

PREPARAÇÃO
Leonardo Alves

REVISÃO
Shirley Lima

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L864a

Lore, Pittacus

A ascensão dos nove / Pittacus Lore ; tradução Débora
Isidoro. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.

288p. : 23 cm. (Os Legados de Lorien ; v. 3)

Tradução de: The rise of nine
ISBN 978-85-8057-262-9

1. Ficção americana. I. Isidoro, Débora. II. Título.
III. Série.

12-6369.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



OS EVENTOS NESTE LIVRO SÃO REAIS.

NOMES E LUGARES FORAM MODIFICADOS
PARA PROTEGER OS SEIS LORIENOS,
QUE CONTINUAM ESCONDIDOS.

OUTRAS CIVILIZAÇÕES REALMENTE EXISTEM.

E ALGUMAS QUEREM DESTRUIR VOCÊS.

CAPÍTULO UM

6A. SÉRIO? OLHO O CARTÃO DE EMBARQUE EM MINHA MÃO, OS caracteres grandes anunciando meu assento, e me pergunto se Crayton escolheu esse lugar de propósito. Pode ser coincidência, mas, considerando os acontecimentos recentes, não acredito muito em coincidências. Não me surpreenderia se Marina se sentasse atrás de mim na fileira sete e Ella ficasse na dez. Mas, não, as duas se sentam a meu lado sem dizer nada e, assim como eu, passam a analisar cada pessoa que embarca no avião. Quando você é caçado, fica sempre em estado de alerta. Quem sabe quando os mogadorianos vão aparecer?

Crayton será o último a embarcar, depois de observar quem mais vai entrar no avião, e só quando achar que o voo é completamente seguro.

Abro a janela e vejo a equipe de solo andando de um lado para o outro embaixo do avião. A cidade de Barcelona é uma distante linha difusa.

Marina agita o joelho furiosamente ao lado do meu. A batalha de ontem contra um exército de mogadorianos no lago, a morte da Cêpan dela, a descoberta de sua arca – e agora é a primeira vez em quase dez anos que Marina sai da cidade onde passou a infância. Ela está nervosa.

— Tudo bem? — pergunto.

Meus cabelos recém-pintados de louro caem na frente de meu rosto e me sobressalto. Esqueci que os havia tingido hoje de manhã. Essa é só uma das várias mudanças nas últimas quarenta e oito horas.

— Todo mundo parece ser normal — Marina sussurra, os olhos atentos ao corredor cheio de gente. — Pelo que consigo ver, estamos seguros.

— Ótimo, mas não foi isso que perguntei.

Dou uma pisada de leve em seu pé, e ela para de sacudir o joelho. Olha para mim e dá um sorriso ligeiro de desculpas, e então volta a vigiar com atenção cada passageiro que embarca. Alguns segundos depois, seu joelho começa a sacudir de novo. Eu apenas balanço a cabeça.

Sinto pena de Marina. Ela ficou trancada em um orfanato isolado com uma Cêpan que se negava a treiná-la. A Cêpan havia esquecido o motivo pelo qual estamos na Terra. Estou fazendo o possível para ajudá-la, para compensar. Posso ensiná-la a descobrir como controlar sua força e quando usar seus Legados em desenvolvimento. Mas, antes, estou tentando lhe mostrar que pode confiar em mim.

Os mogadorianos vão pagar pelo que fizeram. Por terem matado tantas pessoas que amávamos, aqui na Terra e em Lorien. Minha missão pessoal é destruir até o último deles, e vou garantir que Marina também consiga se vingar. Ela não só acaba de perder seu melhor amigo, Héctor, lá no lago, mas também, assim como aconteceu comigo, sua Cêpan foi morta bem na sua frente. Isso permanecerá conosco para sempre.

— Como está tudo lá embaixo, Seis? — Ella pergunta, inclinando-se por cima de Marina.

Olho pela janela. Os homens sob o avião começam a remover o equipamento, realizando algumas verificações finais.

— Até agora, tudo bem.

Meu assento fica na direção da asa, o que me conforta. Mais de uma vez usei meus Legados para ajudar um piloto a sair de uma situação difícil. Em uma ocasião, sobrevoando o sul do México, desloquei com a telecinesia um avião doze graus à direita, segundos antes de batermos em uma montanha. No ano passado, protegi cento e vinte e quatro passageiros em uma tempestade terrível que cercou o avião com uma nuvem impenetrável de ar frio sobre o Kansas. Passamos pela tempestade como uma bala atravessando um balão.

Quando a equipe de solo segue para o próximo avião, acompanho a direção do olhar de Ella até a frente do corredor. Estamos impacientes pelo embarque de Crayton. Isso significará que está tudo bem, pelo menos por enquanto. Todos os assentos estão ocupados, exceto o atrás de Ella. Cadê ele? Olho para a asa outra vez, para ver se há algo fora do comum.

Abaixo-me e empurro a mochila para debaixo de meu assento. Ela está praticamente vazia, então se dobra com facilidade. Crayton a comprou para mim no aeroporto. Nós três precisamos parecer adolescentes normais, ele diz, como estudantes em uma viagem da escola. Por isso Ella está com um livro de biologia no colo.

— Seis? — Marina chama.

Ela prende e solta o cinto de segurança, nervosa.

— Oi.

— Você já voou antes, não é?

Marina é só um ano mais velha que eu. Mas, com seu olhar pensativo, grave, e com o corte de cabelo novo e sofisticado que vai até pouco abaixo dos ombros, ela não tem dificuldade para parecer que é adulta. Neste momento, porém, ela rói as unhas e abraça os joelhos como uma criança assustada.

— Sim — respondo. — Não é tão ruim. Na verdade, depois que você relaxa, é meio que incrível.

Sentada no avião, penso em minha própria Cêpan, Katarina. Nunca viajei de avião com ela. Mas, quando eu tinha nove anos, passamos por um aperto em um beco de Cleveland com um mogadoriano que nos deixou abaladas e cobertas de cinzas. Depois disso, Katarina e eu nos mudamos para o sul da Califórnia. Nosso sobradinho velho ficava perto da praia, praticamente à sombra do Aeroporto Internacional de Los Angeles. Centenas de aviões passavam rugindo a cada hora, sempre interrompendo as lições de Katarina e o pouco tempo livre que eu tinha para passar com minha única amiga, uma menina magricela chamada Ashley, que morava na casa ao lado.

Morei embaixo daqueles aviões durante sete meses. Eles eram meu despertador de manhã, urrando diretamente acima de minha cama ao nascer

do sol. À noite eles eram fantasmas agourentos mandando que eu ficasse acordada, pronta para pular da cama e correr para o carro em segundos. Como Katarina não permitia que eu me afastasse muito de casa, os aviões também eram a trilha sonora de minhas tardes.

Em uma dessas tardes, enquanto as vibrações de um avião enorme sacudiam a limonada em nossos copos de plástico, Ashley disse:

"Minha mãe e eu vamos visitar meus avós no mês que vem. Mal posso esperar! Você já viajou de avião?"

Ashley não parava de falar dos lugares que conhecia e de tudo que fazia com a família. Sabia que Katarina e eu nunca nos afastávamos de casa e gostava de se gabar.

"Acho que não", falei.

"Como assim, 'acho que não'? Ou já viajou de avião, ou não. Admita. Você nunca viajou."

Lembro-me de sentir meu rosto queimar de vergonha. A provocação havia funcionado.

"Não, nunca viajei de avião", respondi, finalmente.

Eu queria dizer que já havia voado em algo muito maior, muito mais impressionante que um aviãozinho. Queria que ela soubesse que cheguei à Terra em uma nave vinda de um planeta chamado Lorien e que tinha sido uma viagem de mais de cento e cinquenta milhões de quilômetros. Mas não falei porque sabia que Lorien precisava ser um segredo.

Ashley riu de mim. Sem se despedir, ela foi embora para esperar o pai voltar do trabalho.

"Por que nunca pegamos um avião?", perguntei a Katarina naquela noite enquanto ela espiava pelas persianas da janela de meu quarto.

"Seis", ela disse, olhando para mim antes de se corrigir. "Quer dizer, Veronica. É perigoso demais viajarmos de avião. Ficaríamos encurraladas lá no alto. Você tem ideia do que poderia acontecer se estivéssemos a milhares de quilômetros de altitude e *então* descobríssemos que os mogs nos haviam seguido a bordo?"

Eu sabia exatamente o que poderia acontecer. Imaginava o caos, os outros passageiros gritando e se enfiando debaixo dos assentos enquanto alguns soldados alienígenas enormes avançavam com espadas pelo corredor. Mas isso não me fazia deixar de querer algo tão normal, tão humano, quanto ir de avião de uma cidade a outra. Eu havia passado todo o meu tempo na Terra sem poder fazer nada que era normal para outras crianças de minha idade. Era raro até mesmo ficarmos em algum lugar por tempo suficiente para eu conhecer outras crianças, muito menos para fazer amigos — Ashley foi a primeira menina que Katarina permitiu vir à nossa casa. Às vezes, como na Califórnia, eu nem frequentava a escola, se Katarina achasse que não seria seguro.

Eu sabia que era tudo necessário, claro. Em geral, não me permitia ficar incomodada com isso. Mas Katarina percebeu que a atitude metida de Ashley havia me perturbado. Meu silêncio nos dias seguintes deve tê-la comovido, porque, para minha surpresa, Katarina comprou duas passagens aéreas de ida e volta para Denver. O destino não era importante — ela sabia que eu só queria a experiência.

Eu mal podia esperar para contar a Ashley.

Mas no dia da viagem, quando estávamos do lado de fora do aeroporto, Katarina hesitou. Ela parecia nervosa. Passava a mão pelos cabelos escuros e negros. Ela os havia tingido e cortado na noite anterior, pouco antes de criar para si uma nova identidade. Uma família de cinco pessoas passou por nós na calçada, carregando malas pesadas, e à minha esquerda uma mãe chorosa se despediu de duas filhas jovens. Tudo que eu queria era me juntar àquilo, ser parte daquela cena cotidiana. Katarina observava todos à nossa volta enquanto eu me remexia impaciente a seu lado.

"Não", ela disse enfim. "Não vamos. Desculpe, Veronica, mas não vale a pena."

Voltamos para casa em silêncio, deixando o rugido das turbinas dos aviões no céu falar por nós. Quando saímos do carro em nossa rua, vi Ashley sentada nos degraus diante de sua casa. Ela olhou para mim enquanto eu

caminhava na direção de nossa casa e moveu os lábios formando a palavra *mentirosa*. A humilhação foi quase insuportável.

Mas, na verdade, eu *era* uma mentirosa. É irônico. Mentir era tudo que eu havia feito desde que chegara à Terra. Meu nome, minha origem, onde meu pai estava, por que eu não podia dormir na casa de outra menina... mentir era tudo que eu sabia, e era o que me mantinha viva. Mas, quando Ashley me chamou de mentirosa na única vez em que eu dizia a verdade, fiquei incrivelmente furiosa. Subi para meu quarto pisando duro, bati a porta e esmurrei a parede.

Para minha surpresa, o punho a atravessou.

Katarina abriu a porta do quarto com violência, empunhando uma faca de cozinha e pronta para atacar. Ela achou que o barulho havia sido provocado por mogs. Quando viu o que eu havia feito na parede, percebeu que algo havia mudado em mim. Ela baixou a faca e sorriu.

"Não foi hoje que você viajou de avião, mas é hoje que vai começar seu treinamento."

Sete anos depois, sentada neste avião com Marina e Ella, ouço a voz de Katarina em minha cabeça. "Ficáramos encurraladas lá no alto." Mas agora estou pronta para essa possibilidade, de um jeito que Katarina e eu não estávamos.

Desde então voei dezenas de vezes, e tudo correu bem. Porém, esta é a primeira vez que voo sem usar meu Legado da invisibilidade para embarcar sem ser vista. Sei que agora estou muito mais forte. E fico ainda mais a cada dia. Se alguns soldados mogadorianos viessem pelo corredor para me atacar, não enfrentariam uma menina delicada. Sei do que sou capaz; agora sou uma combatente, uma guerreira. Devo ser temida, não caçada.

Marina abaixa os joelhos e se senta ereta, soltando o ar lentamente.

— Estou com medo. Só quero que o avião decole — ela diz, com um fio de voz.

— Você vai ficar bem — respondo em voz baixa.

Ela sorri, e eu retribuo. Ontem, no campo de batalha, Marina provou que é uma aliada forte com Legados incríveis. Ela é capaz de respirar embaixo da água, enxergar no escuro e curar doentes e feridos. Como todos os Gardes,

ela também tem telecinesia. E, como estamos na sequência — eu sou a Número Seis e ela é a Número Sete —, temos uma ligação especial. Quando o feitiço ainda estava ativo e nós só poderíamos ser mortos em ordem numérica, os mogadorianos precisariam ter passado por mim antes de chegar a ela. E eles nunca teriam passado por mim.

Ella está quieta, sentada do outro lado de Marina. Enquanto continuamos esperando por Crayton, a menina abre no colo o livro de biologia e olha as páginas. Nossa encenação não precisa de tanto preciosismo, e eu estou prestes a me inclinar em sua direção para lhe dizer isso quando percebo que ela não está lendo. Está tentando virar a página com o pensamento, tentando usar telecinesia, mas nada acontece.

Segundo Crayton, Ella é uma aeternus, nascida com a habilidade de variar de idade para a frente e para trás. Mas ainda é jovem, e seus Legados não se desenvolveram. Virão com o tempo, por mais que ela esteja impaciente para desenvolvê-los logo.

A menina veio à Terra em outra nave, uma que eu não sabia que existia até John Smith, o Número Quatro, me contar que ela aparecera em suas visões. Ella era uma bebê, então agora tem quase doze anos. Crayton diz que é o Cêpan não oficial dela, já que não deu tempo para ele ter sido nomeado formalmente. Como todos os nossos Cêpans, Crayton tem o dever de ajudá-la a desenvolver seus Legados. Ele nos contou que na nave deles também havia um pequeno rebanho de Chimæra, animais lóricos que podiam mudar de forma e lutar a nosso lado.

Fico feliz por ela estar aqui. Depois que os Números Um, Dois e Três morreram, restaram apenas seis de nós. Com Ella, agora somos sete. O número da sorte, se você acredita em superstição. Mas eu não acredito. Acredito em força.

Finalmente Crayton se espreme pelo corredor carregando uma maleta preta. Ele usa óculos e um terno marrom que parece um número maior que o dele. Sob o queixo forte há uma gravata-borboleta azul. Ele está ali no papel de nosso professor.

— Olá, meninas — diz, parando a nosso lado.

— Oi, Sr. Collins — Ella responde.

— O avião está cheio — Marina comenta.

É o código que significa que todos a bordo parecem ser pessoas comuns.

— Vou tentar dormir — anuncio, para dizer a ele que no solo tudo parece normal.

Crayton faz um gesto positivo com a cabeça e se acomoda no assento atrás de Ella. Inclinando-se para a frente entre Marina e Ella, ele diz:

— Usem com sabedoria o tempo de viagem, por favor. Estudem bastante.

O que significa: não baixem a guarda.

Quando conheci Crayton, não sabia o que pensar dele. O homem é severo e esquentado, mas parece ter bom coração, e seu conhecimento do mundo e de atualidades é incrível. Oficial ou não, ele tem levado o trabalho de Cêpan a sério. Diz que morreria por qualquer uma de nós. Fará o que for necessário para derrotar os mogadorianos; o que for necessário para conseguirmos nossa vingança. Acredito completamente nele.

Porém, é com certa relutância que estou a bordo deste avião a caminho da Índia. Eu queria voltar aos Estados Unidos o mais depressa possível para reencontrar John e Sam. Mas ontem, quando estávamos em cima da represa observando a carnificina no lago, Crayton nos disse que Setrákus Ra, o poderoso líder mogadoriano, logo chegaria à Terra, se é que já não estava aqui. A vinda de Setrákus era um sinal de que os mogadorianos nos consideravam uma ameaça, e que provavelmente intensificariam os esforços para nos matar. Setrákus é mais ou menos invencível. Apenas Pittacus Lore, o mais poderoso de todos os Anciões lorienos, teria sido capaz de derrotá-lo. Ficamos horrorizadas. O que significava para nós que ele fosse invencível? Quando Marina perguntou isso, que chance teríamos de derrotá-lo, Crayton nos disse algo ainda mais chocante, uma informação que havia sido confiada a todos os Cêpans. Parece que um dos Gardes — um de nós — tivesse os mesmos poderes de Pittacus. Um de nós se tornaria tão forte quanto ele foi e seria capaz de derrotar Setrákus

Ra. Só nos restava esperar que esse Garde não fosse Um, Dois ou Três, e sim um dos que ainda estão vivos. Nesse caso, teríamos uma chance. Só precisávamos esperar e ver quem era, e torcer para que esses poderes se manifestassem logo.

Crayton acha que encontrou o Garde que tem os poderes de Pittacus.

"Li sobre um menino que parece ter poderes extraordinários na Índia", ele contou. "O menino mora no meio da cordilheira do Himalaia. Alguns acreditam que ele seja a reencarnação do deus hindu Vishnu, outros pensam que é um impostor alienígena com o poder de alterar fisicamente sua forma."

"Como eu, papai?", Ella perguntou.

O relacionamento de pai e filha entre eles me pegou de surpresa. Não pude deixar de sentir uma ponta de inveja porque ela ainda tinha seu Cêpan, alguém a quem pedir orientação.

"Ele não muda de idade, Ella. Transforma-se em animais e outros seres. Quanto mais eu lia sobre esse menino, mais acreditava que ele era um membro da Garde, e mais acreditava que ele pode ser aquele que tem todos os Legados, aquele capaz de enfrentar e matar Setrákus. Temos que encontrá-lo o mais rápido possível."

Não quero sair em uma busca desesperada por outro membro da Garde agora. Sei onde John está, ou onde deveria estar. Posso ouvir a voz de Katarina insistindo para que eu siga meus instintos, e eles me dizem que devemos entrar em contato com John antes de mais nada. É a ação menos arriscada. Certamente menos arriscada que voar pelo mundo a partir de um palpite de Crayton e boatos na Internet.

"Pode ser uma armadilha", falei. "E se essas histórias tiverem sido plantadas para nós, para fazermos exatamente isto?"

"Entendo sua preocupação, Seis, mas acredite em mim, sou mestre em plantar histórias na Internet. Isso não foi plantado. Há fontes demais apontando para esse menino na Índia. Ele não tem fugido. Não tem se escondido. Tem apenas *existido*, e parece ser muito poderoso. Se ele é um de vocês, então precisamos encontrá-lo antes dos mogadorianos. Todos nós

iremos aos Estados Unidos para encontrar o Número Quatro assim que terminarmos essa viagem", Crayton respondeu.

Marina olhou para mim. Ela queria quase tanto quanto eu encontrar John — havia acompanhado as notícias sobre ele pela Internet e tivera um pressentimento semelhante de que ele era um de nós, um pressentimento que eu havia confirmado.

"Promete?", ela perguntou a Crayton.

Ele assentiu.

A voz do piloto interrompe meu devaneio. Estamos prestes a decolar. Eu queria muito virar o avião na direção de West Virginia. Na direção de John e Sam. Espero que eles estejam bem. Não paro de imaginar John preso em uma cela. Eu não devia ter falado para ele da base mogadoriana na montanha, mas John queria recuperar sua arca e eu não ia conseguir convencê-lo a esquecê-la.

O avião está taxiando na pista e Marina agarra meu pulso.

— Queria tanto que Héctor estivesse aqui. Ele diria algo inteligente agora para fazer eu me sentir melhor.

— Está tudo bem — Ela responde, segurando a outra mão de Marina.
— Você está conosco.

— E eu vou pensar em algo inteligente para dizer — acrescento.

— Obrigada — Marina fala, embora sua voz soe como se ela estivesse tentando soluçar e engolir ao mesmo tempo.

Deixo ela cravar as unhas em meu pulso. Sorrio para confortá-la, e um minuto depois estamos no ar.